ARTHUR VIANNA

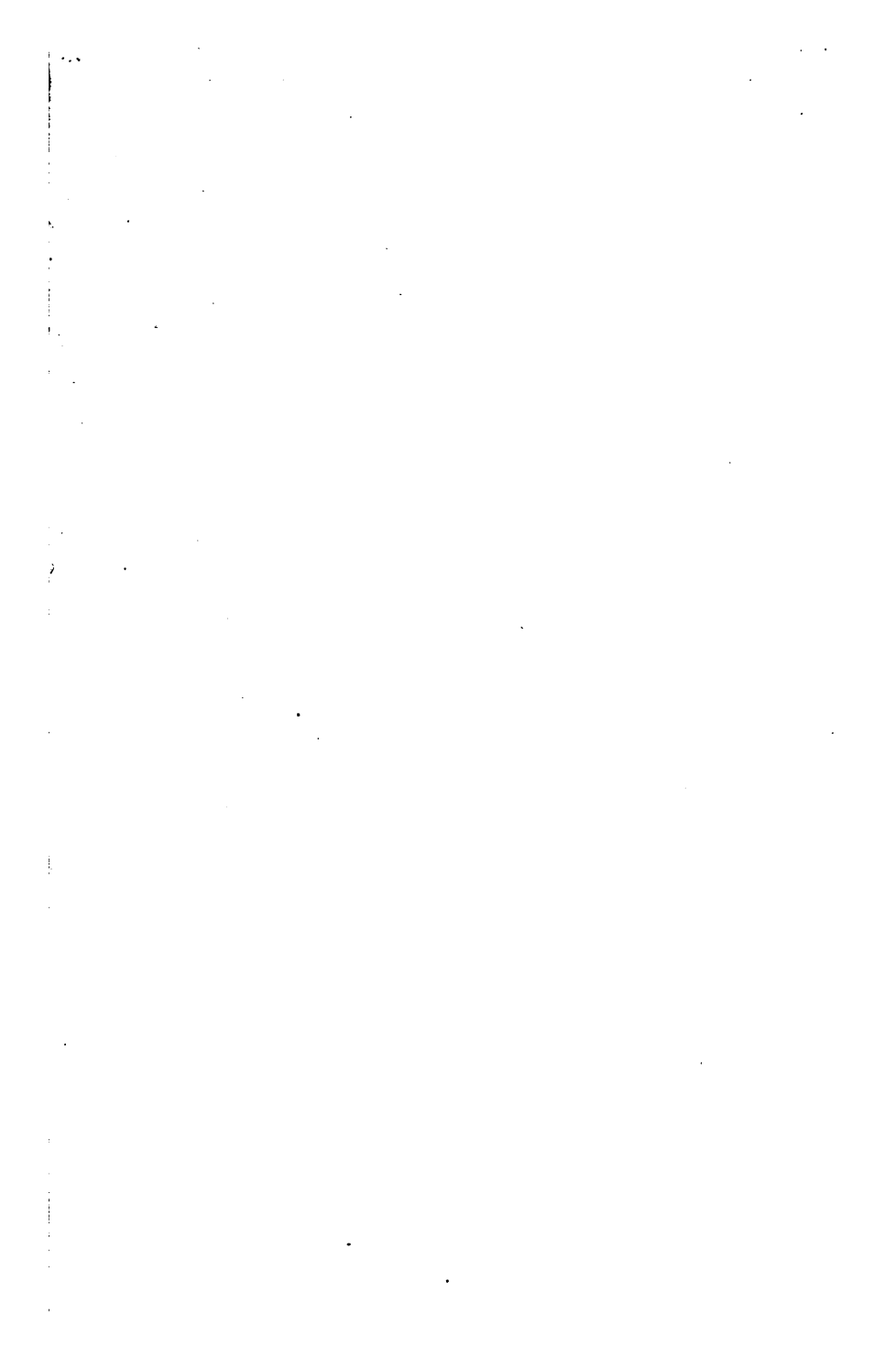
FESTAS POPULARES DO PARÁ

I

A FESTA DE NAZARETH

PARÁ — BRAZIL

TYPOGRAPHIA DE ALFREDO AUGUSTO SILVA
12, Praça Visconde Rio Branco

1905

Festas Populares do Pará

ARTHUR VIANNA

Festas Populares do Pará

I

A FESTA DE NAZARETH

PARÁ — BRAZIL

TYPOGRAPHIA DE ALFREDO AUGUSTO SILVA

12, Praça Visconde do Rio Branco

1905

Duas palavras

ESTA *edição popular visa divulgar um trabalho de valor, original do Snr. Arthur Vianna, e intitulado* — AS FESTAS POPULARES DO PARÁ.

Hoje, em todo o mundo culto, presta-se apurada attenção ao estudo dos costumes, usos, tradições e festas populares, como subsidio importante ao estudo da historia.

No Brazil existem já publicadas varias obras de merecimento sobre esse magnanimo assumpto, de modo que a publicação ora iniciada, fornecerá um novo contingente aos estudos feitos, tanto mais interessante quando se refere ao Pará, em materia ainda não investigada.

O Snr. Arthur Vianna, cuja competencia nos estudos da historia paraense é bem conhecida, escreveu a sua obra em capitulos especiaes a cada festa, o que nos permitte desaggregal-os para a publicação em fasciculos, escolhendo-os conforme a opportunidade.

Nesses livrinhos, dos quaes é este o primeiro a ser publicado, encontrará o nosso povo curiosas investigações do passado, cuidadosamente apuradas, mostrando a origem, o modo por que se constituiram, a evolução das festas populares paraenses.

Conhecer a historia do seu paiz é um dever que se impõe a todos, e facultar esse conhecimento um serviço de utilidade.

Porisso, em vez de editarmos a obra em conjuncto, resolvemos dividil-a, tornando-a mais accessivel ao povo.

Pará — 1905.

O EDITOR.

NOSSA SENHORA DE NAZARETH

Invocação á Santissima Virgem. — Oh dôce e misericordiosissima Virgem Maria, Mãe de Jesus Christo, meu Salvador! eu vos supplico que torneis agradavel meu coração aos olhos de vosso divino Filho e aos vossos. Preparai em mim uma habitação pura, santa, agradavel, n'uma palavra, digna da Magestade suprema. Rogo-vos que enriqueçaes minha alma de vossos meritos; que a orneis de vossas virtudes, e a torneis tal como deseja vosso amado Filho, meu Deus e meu Redemptor. — *Assim seja.*

FESTAS POPULARES DO PARÁ

I

A FESTA DE NAZARETH

A INFLUENCIA da colonisação portugueza sobre a constituição da nossa nacionalidade, por um phenomeno sociologico da vida dos povos, devia deixar-nos vestigios claros da sua acção quasi exclusiva, no largo periodo de mais de tres seculos, em que viveu o Brazil vida de colonia.

D'aquelles que do Prata ao Oyapock extenderam valorosamente o seu dominio, herdamos a lingua, os usos, costumes e crenças, que, ao contacto do elemento brazileiro, adquiriram maior suavidade e riqueza. As crenças de além-mar, espalhadas no seio de uma po-

pulação embalada desde o berço pelo sobrenatural, fatalista pelos germens da sua constituição, supersticiosa por indole, tomaram exaggerado symbolismo de culto. O meio physico cooperou tambem n'essa transformação.

Ao numero das festas que nos legaram os nossos colonisadores, pertence a festa de Nazareth, que vemos hoje transformada pela evolução do meio, deturpada profundamente e decahida do apogeu que em tempos attingio, grangeando a fama de primeira entre as romarias do norte do Brazil. Entretanto na instituição da festa paraense não se obedeceu á simples imitação da festa portugueza; não fôram a lembrança da patria distante e a tendencia dos colonos para a reproducção das suas festas populares e religiosas, que serviram de base aos prodromos do culto do nosso povo á Senhora de Nazareth.

Alguma coisa de original, de novo, se nos depara no assumpto: é a lenda curiosa, genuinamente paraense, da santa achada entre pedras brutas, que regeita o santuario pobre

de um caçador, que despresa um abrigo sob o tecto do proprio palacio do governo, fugindo sempre para o seu tosco nicho natural. Esta inventiva historia revela o espirito credulo do nosso povo, arrastado ao sobrenatural sem custo, pela mais simples referencia, ingenuamente. A festa portugueza, como a paraense, nasceu de uma lenda, mas lenda antiguissima que conta hoje a bagatella de quinze seculos, e nada tem de commum com a do Pará.

Investiguemos o passado longinquo da Iberia, ao tempo em que se deu o commovedor e bello poema do presbytero de Carteia, o nobre gardingo da côrte de Witiza, para corroborar a opinião emittida.

Conta a lenda que Ruderico, o ultimo rei godo, vencido pelos mussulmanos na terrivel batalha do Guadalete, em 9 de setembro de

714, fugira do campo disfarçado em pastor e, depois de fatigante e penosa jornada a pé por montes e valles, chegára a cidade de Merida, capital da Luzitania, fundada por Augusto. Receioso da perseguição dos inimigos, partiu sem demora para um mosteiro hispanico, situado na Cauliniana, a doze kilometros da cidade, e ahi revelou ao abbade Romano a sua nobre estirpe.

O oceano temeroso e formidavel dos barbaros, arrasados os ultimos diques godos, espraiava-se impetuoso pelo vasto imperio da monarchia gothica; o mosteiro não escaparia á sanha e ao furor dos guerreiros de Islam. Rei e monge resolveram fugir, buscar nas tenebras dos montes alcantilados, no recesso invio dos bosques, abrigo e descanço. Nas terras de Portugal, então da Luzitania, nas escarpas do monte Siano, pararam os fugitivos, longe da furia dos mouros.

Romano, ao abandonar o seu mosteiro, não esquecera no delirio do instincto de conservação, as santas reliquias; mettera todas em uma caixa e d'esta fizera sua insepara-

vel companheira, desde o Cauliniana até o Siano.

Entre as reliquias uma havia de grande merecimento para os crentes e de fervoroso respeito para o frade: era uma imagem da Virgem de Nazareth que tinha já uma longa peregrinação. Dizia-se então que o monge grego Cyriaco a levára para Bethlem, com grande acatamento, pois fôra ella copiada do natural, na propria cidade em que nascera a Virgem, e a déra a São Jeronymo. Este julgou-se indigno de possuir aquella obra *d'aprés-nature* e a enviára como presente a Santo Agostinho, bispo de Hiponia, que achava-se na Africa.

Tomado de iguaes escrupulos e receioso de que por sua morte viesse a ser profanada a imagem, remetteu elle a santa reliquia para o mosteiro da Cauliniana, de onde os guerreiros de Tarik forçaram a sua emigração para as terras que deviam depois pertencer ao reino de Portugal.

Em um monte fronteiro ao Siano, o companheiro de Ruderico encontrou uma lapa

que adaptou para capella, recolhendo em tosco santuario de pedra, a preciosa imagem.

O frade Romano falleceu em 23 de março de 716 e o seu regio amigo o sepultou junto á lapa depois do que tomou de novo o caminho da peregrinação. A lenda continúa a affirmar que o rei vencido, após longas e tristes caminhadas, andara pelas terras da Beira e morrera por fim no sitio denominado Fetal, pouco desviado da cidade de Vizeu.

Isto tudo é nebuloso e lendario: a sorte de Ruderico não ficou sabida. Herculano decide-se pela morte no campo da batalha, quando tão bem disse: «Fugiam: Ruderico, porém, estava ahi! mas retalhado de golpes; mas sem vida! Já não seria debaixo de seus pés que o throno da Hespanha se desfaria aos golpes do machado dos arabes. Um sceptro sem dono em Toletum e mais um cadaver junto ás margens do Chryssus, eis o que restava do ultimo rei dos godos!» Auctores arabes affirmam, entretanto, que o seu cadaver não foi encontrado no campo, ape-

zar de buscas minuciosas e demoradas; escriptores portuguezes asseveram a fuga e appellam para o sepulchro do rei que está na egreja de São Miguel, em Vizeu. Nem uns, nem outros esclarecem o assumpto; a lenda não póde ser consolidada em historia. Assim trata-se de um facto perfeitamente identico ao que se deu seculos depois com o ardoroso e infeliz D. Sebastião, na batalha do Alcacerquibir.

Deixemos, porém, estes commentarios que nos vão arrastando do nosso objectivo, e voltemos á lenda que iamos narrando.

Abandonada na sua lapa, com o cadaver do seu fiel transportador aos pés, ignorada do mundo, a imagem esteve durante seculos no alto monte; a sombra densa do incognoscivel apagou a lenda durante os seculos do poderio mussulmano. Em 1179 os camponezes de Portugal conheciam o monte, a lapa e a santa, com a tradição de que, reconquistadas as terras aos mouros, os libertadores haviam encontrado os vestigios preciosos do ultimo rei dos godos e do frade Romano.

Também certificára-se do que diziam-lhe os camponios D. Fuas Roupinho, que era então alcaide-mór de Porto de Mós, cargo em que o provêra dom Sancho I, seu irmão, em recompensa de magnificos serviços prestados contra os arabes. Corria a versão de que este D. Fuas era filho bastardo do valoroso Affonso Henriques, que então, velho bastante, acompanhava com orgulho o reinado de dom Sancho. Pouco atarefado e de temperamento ardente, D. Fuas, não tendo mais armaduras e craneos arabes para despedaçar, vingava-se nos veados e nos javalis das suas terras. Caçador apaixonado, não conhecia obstaculos, fadigas ou intemperies, quando se tratava de correr uma fera ou abater um galheiro.

Na manhã de 14 de setembro de 1182, atravez de um denso nevoeiro que envolvia a matta em espessa fumarada, andava D. Fuas á caça, como sempre audaz e valente. Repentinamente saiu-lhe á frente um bello veado e disparou em vertiginosa carreira. Chegar as esporas ao cavallo, afrouxar-lhe

as redeas e lançar-se loucamente em perseguição do animal, fôram pensamentos executados com a rapidez do raio. E começou uma lucta tremenda entre o veado e o cavalleiro; o ardor d'aquella fremente carreira cegou e ensurdeceu D. Fuas, que voava no seu corcel, cégo também mas de dôr pelas esporas que rasgavam-lhe os ilhaes. De subito o veado lançou-se n'um abysmo enorme, escancarado entre duas rochas, e o cavallo que o seguia de muito perto, na impetuosidade da carreira não podia parar.

Viu D. Fuas a morte inevitavel e rapido invocou a Virgem da lapa: o cavallo estacou como se uma força desconhecida o tivesse arrancado do vacuo, rodou sobre as patas trazeiras e cahiu em terra.

O fidalgo, profundamente religioso, longe de attribuir o facto á resistencia do seu cavallo e á sua pericia de montador habil, capacitou-se de que fôra obra da santa a sua salvação, e mandou reconhecido, erguer-lhe uma egreja no logar da lapa, a que o povo começou a chamar *Capella da Memoria.*

Refere-se que, ao abrirem os pedreiros os alicerces para o edificio, deram com a caixa do abbade Romano, onde, de envolta com outras reliquias, encontraram um pergaminho escripto pelo frade, contando a historia da santa e as peregrinações de Ruderico. Propalou-se o *milagre:* D. Affonso Henrique, D. Sancho e toda a côrte abalaram da capital do reino e fôram vêr e adorar a prodigiosa imagem.

Em 1377 a santa passou para a sua egreja actual, reedificada e ampliada mais tarde pela rainha dona Leonor, mulher de dom João II.

Eis esboçada a origem da festa portugueza de Nossa Senhora de Nazareth, que annualmente celebra-se na povoação d'este nome, na provincia da Extremadura. D'ella apenas emprestamos o episodio de D. Fuas Roupinho, que vemos hoje representado no grande *Carro dos milagres;* o resto é nosso. Escaleres, anjos a cavallo, devotos aos empurrões nas cordas, pseudos marinheiros em ridiculas e carnavalescas evoluções, carro de foguetes,

filas de cavalleiros e carruagens, cyclistas, carradas de anjos, bombeiros, hacaneas, mostram o afan com que se procurou abrilhantar o prestito sacrificando o caracter da romaria.

Antes que a historia comece a dar-nos os claros testemunhos dos seus manuscriptos, a tradição fallada transmitte-nos a narrativa de uma lenda que explica a procedencia da imagem hoje venerada, mas que deixa na plumbea obscuridade do passado insondavel, a origem da santa que tamanha celebridade devia angariar no meio paraense.

Um dia errava nas mattas da tortuosa estrada do Utinga, hoje transformada na bella avenida Nazareth, um destimido caçador que, acossado pela sêde, em vão buscava um igarapé onde bebesse. Na infructifera pesquiza descobriu umas pedras cobertas de virentes

trepadeiras, entre as quaes, em uma especie de nicho natural, deparou com uma pequena imagem da Virgem de Nazareth.

Tomado de surpreza, supersticioso e crente, viu o caçador n'aquelle achado um facto sobrenatural que o seu cerebro não podia explicar; e logo acudiu-lhe á mente a ideia de conduzir a imagem para a sua pobre choupana.

Sem mais pensar na caça que a sua certeira pontaria podia ainda entregar-lhe, e na agua que tão avidamente buscara, tratou de regressar com o valioso achado.

O facto, como era de esperar, causou grande alvoroço na familia do caçador e nos vizinhos, chamados a vêrem o prodigio; todos extasiaram-se ante aquella obra de esculptura que, para maior assombro, nenhum vestigio apresentava das intemperies, exposta a ellas como achava-se, em meio de brutas pedras: o manto de sêda brilhava tal qual outro que estivesse sob a abobada de um templo.

Não tinha, porém, de ficar ahi o espanto

dos admiradores: no dia seguinte, quando a familia despertou, o logar onde ficara a santa estava vasio!

Desapparecera a imagem, sem deixar vestigios, e foi debalde que a procuraram por todos os escaninhos da palhoça. Em meio do desapontamento geral, alguem lembrou o alvitre de voltar o caçador ao sitio onde havia as pedras e o nicho.

Tomou o homem as suas armas e, em passo estugado, embrenhou-se na densa floresta que elle conhecia perfeitamente.

No seu oratoriosinho natural, lá estava a santinha, na mesma posição, do mesmo modo brilhando no seu manto de sêda, como que a protestar contra a mudança forçada da vespera. Trouxe-a de novo comsigo o caçador, de novo a recollocou em sua casa, e, no dia seguinte, de novo a foi encontrar no primitivo sitio.

Não era preciso mais para inflammar o espirito religioso do povo: a noticia do extraordinario milagre, transmittida acceleradamente, primeiro aos pobres lenhadores que

habitavam a estrada do Utinga, estreita picada a que davam este nome, depois aos moradores da cidade, acabou por levar á humilde choupana do caçador um grande numero de crédulos fieis, que assistiram trazer a santa, fechar a casa e logo de manhã a prova completa da fuga.

Popularisou-se o milagre e na pequena Belém não se falou por muito tempo em outra coisa. Então, diz ainda a lenda, o governador, desejoso como São Thomé de vêr para crêr, mandou buscar a imagem para o palacio do governo, montou-lhe uma respeitavel guarda á vista e foi dormir sobre o caso.

Na manhã seguinte, os soldados pasmos e interditos, juravam que ninguem entrara nem sahira do aposento, entretanto, a santa lá não estava!

Diversos emissarios partiram, sem demora, para a cabana do caçador, e d'ahi foram ter ás celebres pedras.

A santa ostentava-se no seu predilecto logar, ao qual voltava sempre, muito embora

já lhe tivessem dado por guarida o proprio palacio do governo. Apenas rutilavam no seu manto de sêda, como perolas, algumas gottas de orvalho, por entre carrapichos pardo-escuros, que eram outras tantas provas mudas, mas eloquentes, da longa caminhada através da estrada.

Deante assim de uma prova tão concludente, mandou o governador que, no logar occupado pelas pedras, erguessem uma palhoça e n'ella depositassem a imagem; interpretou bem aquelle magistrado o pensamento da Virgem, expresso em tantas vindas e idas: a santa quedou-se na sua cabana.

Diz ainda a tradição que a palhoça ficava mais ou menos no logar da antiga ermida, em frente á egreja actual.

Esta é lenda tal e qual nos chega referida. Que nome tinha o caçador, qual o dia, mez e anno do seu mysterioso encontro, qual o governador que interveio no caso, são pontos desconhecidos, que mais corroboram a insubsistencia do facto, aliás repellido em

todos os seus detalhes pelo bom senso e pela razão.

Os nossos chronistas, nos rapidos apontamentos sobre a festa de Nazareth, quando os dão, não falam na lenda; referem tão sómente o que é historicamente sabido.

O povo, porém, arraigado ás crenças religiosas e de corpo e alma entregue a todas as superstições, conservou a lenda como a veridica revelação das primeiras manifestações miraculosas da santa, e eil-o até hoje prosternado ante a sagrada imagem, na attitude dos que crêem e imploram.

Sahindo da inconsistencia da lenda popular, para rebuscar nos archivos documentos que nos esclareçam com segurança, deparamos em primeiro logar com o officio do governador e capitão general dom Francisco de

Souza Coutinho, ao governo portuguez, do qual extrahimos as notas que se seguem. [1]

Em meiados da era de 1700, morava na estrada da Utinga, um homem de côr parda, chamado Placido, cuja origem e sobrenome são ignorados.

Dava-se então o nome de estrada do Utinga, a um caminho tortuoso, que levava do largo da Campina, depois da Polvora [2] e modernamente de Pedro II, ao engenho de Theodureto Soares, na margem direita do igarapé Murutucú.

Placido era homem de fé viva, inculto mas honesto; na sua pobre palhoça havia um tosco santuario cuidadosamente tratado, contendo uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazareth.

Qual foi o artista que a esculpturou e

---

[1] SECÇÃO DE MANUSCRIPTOS DA BIBLIOTHECA E ARCHIVO PUBLICO. *Correspondencia dos governadores com a metropole.*

[2] Assim chamado por causa da casa da polvora que n'elle houve.

como a obteve Placido, não nos diz o citado documento.

Não tardou que os milagres da santa a tornassem popular e attrahissem ao humilde albergue uma forte corrente de devotos, uns que iam implorar-lhe de joelhos, com a esperança n'alma, o allivio para os seus males ou para os soffrimentos de entes caros; outros já curados, que apressavam-se a saldar a divida sagrada da promessa.

Á romaria religiosa faltavam apenas os desilludidos e os mortos, para quem não houvera clemencia, e que, jámais contados, nada influiam sobre o culto sempre crescente da Virgem.

A habitação de Placido ficava no logar da primitiva ermida de Nazareth, sem que existissem, então, o largo, a estrada de São Jeronymo, as travessas que o cortam. A cidade começada a edificar do Castello para o Bagé, chegava apenas com algumas casas ao largo da Campina.

Quando o modesto devoto da santa falleceu, transmittiu a Antonio Agostinho a sua

missão religiosa, que, sob novos esforços, levou adeante o culto popular.

Compungia o coração de Agostinho vêr naquella humilde choça, naquelle tosco santuario, a santinha tão milagrosa, tão solicita em acudir aos pobres doentes, como o demonstravam as innumeras promessas de madeira, pendentes das paredes de taipa, pés a escorrerem sangue de horriveis golpes, mãos mutiladas, braços cobertos de chagas, cabeças partidas, faces grossas e arroxeadas por molestias cutaneas, os horrores todos da humanidade, que haviam sarado e desapparecido, não pela intervenção das drogas e remedios ingeridos ou applicados, mas tão sómente ao influxo benefico da milagrosa santa.

Planeou então erguer uma ermida pobre embora, mas decente, onde todo aquelle conjuncto de crença do povo brilhasse melhor: a idéa fructificou largamente, choveram esmolas abundantes, sem que o metal tinisse em salvas de prata como hoje, porque n'aquelles bucolicos tempos não corria moeda

no Pará, o commercio se fazia por permutas ou a novellos de algodão.

A ermida projectada ergueu-se de taipa, coberta de palha, alvejando entre o espesso bosque que a rodeava, toscamente sahida das mãos inhabeis de incultos artifices; o nicho de pedra fôra substituido por altar de madeira, e as promessas alinhavam-se symetricas e horriveis, destacando-se do branco das paredes.

Em 1774, estava prompta a ermida, porém, Agostinho, sempre emprehendedor e desvelado, requereu, em companhia de um avultado numero de devotos, ao governador, permissão para abrir um largo quadrilatero que cercasse a egrejinha, e, deferido o pedido, destacou-se o parallelogrammo, com frente para a estrada do Utinga.

Alguns annos depois empunhou as redeas do governo do Pará D. Francisco de Souza Coutinho, capitão de fragata e cavalleiro de Malta, administrador consciencioso e habil, a quem deveu o Pará grandes melhoramentos.

Este governador, desvelado pelo progresso

do Estado, não se limitou em fomentar a agricultura com sabias instrucções, em fiscalisar com rigor as rendas publicas, em animar a exportação, mereceram-lhe tambepartim cular cuidado as obras publicas da capital e do interior. A elle devem-se a construcção do deposito de polvora do Uaurá, a edificação do primeiro mercado na praça do Pelourinho, a abertura de uma estrada do Uaurá á fortaleza da Barra, o levantamento dos reductos fortificados de Santo Antonio (onde hoje estão as officinas da companhia do Amazonas), e da ilha dos Piriquitos, a fundação dos registros da Itabóca, no Tocantins, e de São João do Araguaya.

Se Placido representava talvez o primeiro dos milhares de devotos da Virgem de Nazareth, se á fé e á constancia de Antonio Agostinho se deveu a tosca ermida da estrada do Utinga, a D. Francisco de Souza Coutinho competem as honras de instituidor da festa e do cirio.

Este official portuguez ordenou, em 3 de junho de 1793, que no dia 8 de setembro

d'esse anno, se inaugurasse no largo de Nazareth uma grande feira dos productos agricolas e industriaes do Estado, á qual concorressem livremente os agricultores, inclusivé os indios.

A cópia de uma das circulares do governador, dirigidas aos directores das villas e povoações do interior, exarada em livro pertencente ao archivo da intendencia de Faro, [1] habilita-nos a um seguro juizo sobre a feira que se instituia.

Ordenava-se que, em fins de agosto, de cada anno, deviam achar-se em Belém todas as canôas que tivessem subido ao commercio do sertão; que os directores providenciassem de modo a ser facultado a oito ou dez individuos, de um e outro sexo, nas povoações grandes, e a quatro ou seis, nas povoações pequenas, o embarque para a capital, a fim de virem á feira de Nazareth vender os seus

---

1 Em 1898 rebuscamos os archivos de Faro, Juruty, Obidos e Santarém. V. do A. *Estudos sobre o Pará. Limites do Estado.* I, II e III partes, 1899 e 1900.

productos e os dos que lhes dessem incumbencia de vendel-os.

Garantia o governador que os expositores teriam barracas e lojas feitas, onde guardariam os seus generos e onde permaneceriam durante a sua estada na cidade; e terminava recommendando que só permittissem os directores a vinda das indias solteiras em companhia de seus paes, e das casadas em companhia dos maridos, cautellosa medida com que, já n'aquelle tempo, procurava afastar da festa aquillo que mais tarde a invadiu e que hoje é um dos seus caracteristicos. [1]

Realizou-se assim em 1793 a primeira feira de Nazareth.

Dos longinquos sertões do Estado, de toda a vasta bacia do Amazonas, correram indios de todas as raças, mestiços de todos os cruzamentos, a extasiar-se nas ruas da capital, para elles um bello centro de agradaveis

---

1 O documento a que nos referimos é ainda inedito e pertence hoje á 1.ª secção de manuscriptos da Bibliotheca e Archivo Publico.

attractivos; o largo cobriu-se de barracas de palha, onde o commerciante da cidade encontrou o excellente cacau, a perfumosa baunilha, o guaraná refrigerante; o magnifico arroz; o anil e o urucú, manipulados no Estado, os bellos utensilios da ceramica indigena, o forte tabaco, as primorosas rêdes de fio e de maqueira, o pirarucú salgado, o peixe boi em mixira, etc.

Sob os auspicios do governador, a animação e o enthusiasmo ultrapassaram todas as expectativas; o commercio applaudiu mais que todos a execução d'aquella feliz idéa.

Eis como principiou a festa do arraial, successivamente transformada em ponto de comes e bebes, de dissipamento de dinheiro, e, até bem poucos annos atraz, de jogo desenfreado, com taboletas ás portas e annuncios nos jornaes.

Da primeira feira nada existe: a festa do trabalho, do braço laborioso, do florescimento da agricultura e da industria, ha muito que desappareceu; as casas de bonecos, as tombolas, os cafés, os restaurantes, os fantoches

dos theatrinhos, o maxixe no pavilhão de Flora, as caixas cylindricas das roletas, os pannos verdes sarapintados de numeros, as espheras nickeladas dos pipos, as exhibições grotescas do *Pomba-lesa*, os cavallinhos de pau, as montanhas russas, substituem a larga e ampla exposição agricola, com que Souza Coutinho buscou produzir annualmente um movimento proveitoso ao Estado.

O commercio faz-se ainda hoje, mas os proveitos amplos e largos do que hontem se fez, não mais existem.

Em 1793 a festa de Nazareth honrava o meio que a produzia, era uma prova de adeantamento, de progresso; hoje a festa do arraial, incompativel com a civilisação do Pará, só póde depôr em desabono dos nossos costumes.

Perdemos com a evolução.

Abandonemos, porém, as observações que nos levariam a incorrer no desagrado de muitos, e voltemos ao historico que iamos fazendo.

Ao passo que o governador estabelecia

a feira de Nazareth, encorajava e auxiliava a confraria da santa, fundada por occasião do levantamento da ermida, para ter mais incremento a festa; aproveitando a crença do povo, aventou a idéa de se fazer annualmente uma romaria, em que fosse a santa trasladada em carro, do palacio do governo para a sua egreja.

Acceita com enthusiasmo a idéa do governador, realizou-se no dia 8 de setembro de 1793, o primeiro cirio. [1]

A imagem foi transportada na vespera d'aquelle dia, á noite, da ermida para o palacio do governo. Pela escura estrada do Utinga, onde ainda não chegára a mortiça illuminação de azeite da cidade, escoou-se a multidão que cercava o carro da santa, até desemboccar no largo da Campina, então sem as suas lampadas de arco-voltaico, sem o seu

---

1 A palavra *cirio*, que significa procissão que leva um cirio de uma para outra localidade. (Dicc. de Candido de Figueiredo), vem já impropriamente applicada á romaria, nos documentos que consultamos.

bello theatro, sem os seus circos e restaurantes, e apenas com o seu cemiterio lugubre, onde jaziam sómente os cadaveres dos infelizes escravos e dos pobres flagellados pela variola.

No dia seguinte, á tarde, com todo o esplendor possivel a uma estréa, desfilou do palacio a romaria; na frente e no couce marchava toda a tropa da cidade, os esquadrões de cavallaria em primeiro logar, os batalhões de infantaria depois e atraz as baterias da artilheria; adeante do carro da santa seguiram uma fila de séges, palanques e serpentinas, com senhoras, e duas linhas de cavalleiros, trajando vestes de gala; a turba cercava o carro, e logo após este, destacava-se o governador e os membros das suas casas civil e militar, em primeiro uniforme e cavalgando bons cavallos.

Do primeiro cirio, como da primitiva feira, nada resta; o carro, onde o bispo levava ao collo a imagem, foi substituido pela berlinda, e desatrellaram as vagarosas juntas de bois que o tiravam, para jungir ás cordas,

aos eixos e aos varaes a turba multa dos devotos, que enxameam ridiculamente em volta á santa, em desrespeitoso desalinho, n'um atropello e agglomeração pouco decentes, numa vozearia ensurdecedora.

A disputa dos logares faz-se violentamente aos encontrões, á viva força muitas vezes, entre homens e mulheres promiscuamente, sem recato e sem respeito.

Acontece não poucas vezes arrebentar uma corda, tensa em excesso pela tracção, e alli, deante da santa dão-se os mais comicos trambolhões; e o decoro soffre rudes ataques.

Com um pouquinho mais de exaggero, ter-se-ia em Belém, a reproducção do passeio triumphal da estatua de Brahma, de que nos fala Jacolliot, nos «Filhos de Deus».

Juntou-se ao prestito o «carro dos milagres», que revela a influencia portugueza, pois o que elle representa é o caso do D. Fuas Roupinho, prestes a despenhar-se no abysmo, em perseguição do veado. Vieram depois os anjos cavalleiros e outros appendices de pouca importancia.

Exige uma referencia especial a terrivel marujada que invadiu o prestito, como uma onda formidavel, e que hoje vêmos, suando em bicas, debaixo dos escaléres, ou em longas filas, a fingir achar-se no tombadilho de uma náu acossada pela tormenta, guinando para a direita e para a esquerda, sob as vozes de um chefe alli acclamado.

Escaléres repletos de anjos de faces carminadas e vestes de côres vivas, ou de anjos captivos, isto é, de creanças núas, com uma fita a tiracollo, caminham nos hombros dos pseudos marujos, como sobre as vagas, uns grandes, outros pequenos, n'uma profusão que indica não haver mais seriedade na sua incorporação ao prestito. Qualquer faz uma canoinha de mirity ou madeira, sobre paus cruzados e lá vae fazer manobras no cirio.

Foi o naufragio do brigue portuguez São João Baptista que deu causa á instituição da marujada. O brigue partiu do Pará com destino a Lisbôa, em 11 de julho de 1846, levando a seu bordo 28 pessoas, entre equipagem e passageiros; ao terceiro dia de viagem,

uma terrivel rajada de vento acossou o navio e, não obstante achar-se elle sómente com as gaveas e a latina soltas, fêl-o adornar tanto que o metteu a pique em menos de cinco minutos.

Das vinte oito pessoas, apenas doze lograram metter-se num escalér, sem ao menos terem tido tempo de reunir alguns viveres; as outras foram com o brigue para as profundezas do oceano.

Os naufragos, nas torturas da fome e da sêde, fizeram solenne promessa de levar o bote em que se transportavam, a pau e corda, do littoral á ermida de Nazareth, caso lograssem salvar-se d'aquelle tremendo perigo.

Após 14 dias de horrorosa fome, aportaram em lastimoso estado, a uma ilha da Guyana Franceza, onde os receberam bem e deram-lhes transporte na galéra *Masagran* para a capital do Ceará. Da Fortaleza embarcaram-se para Belém, trazendo o seu escalér, com o intuito de cumprirem a promessa.

Aqui alguem houve que lhes aconselhou

a levarem o escalér incorporados ao cirio, conselho que aliás não seguiram, porque não visavam exhibições publicas, mas tão sómente cumprir o voto feito. A pau e corda carregaram o bote até á ermida.

Ha com respeito ao escalér um facto curiosissimo, simples coincidencia ou determinação divina, como queira classifical-o, incredulo ou crente, o leitor.

Em pontos de religião melhor é que cada qual tenha a maxima liberdade de pensamento, acceitando ou recusando em pleno livre arbitrio.

Alguns annos antes do naufragio d'aquella embarcação portugueza, um fervoroso e abastado devoto, Lucio Machado, mandara, a expensas suas, encarnar de novo a imagem de Nossa Senhora de Nazareth, em Lisboa, tendo sido feito o transporte no brigue, destinado a uma futura tragedia que o deixaria rememorado por longos annos.

De Belém para bordo do navio e d'este para Lisboa, viajára a pequena santa no escalér em que, annos depois, encontraram a

vida doze infelizes naufragos, circumstancia fervorosamente relembrada por elles no momento solenne e pavoroso em que supplices imploraram o auxilio divino.

Depois todos podiam admirar o escalér, suspenso por cabos á trave lateral da varanda que precedia o corpo da ermida.

Em 1846, discutia-se o destino que se devia dar áquella reliquia: uns queriam a simples venda, revertendo o dinheiro ao cofre da irmandade; outros opinavam igualmente pela venda, mas devendo ser o producto empregado na acquisição de um rico e bello quadro, representando o milagre; outros, emfim, decidiram-se pela conservação, comtanto que removessem o escalér para um barracão de madeira, onde as directorias davam varios divertimentos aos devotos, por occasião da festa.

Nada se fez; em palavras e opiniões divagou-se sem resultados. Quando, quasi dez annos depois, flagellava o cholera-morbus o Pará, reappareceu a idéa de dar destino ao escalér: pela primeira vez, no cirio de 1855,

realizado em 14 de outubro, foi o bote carregado por marinheiros e incorporado ao prestito.

D'ahi em deante costumavam desembarcar as marinhagens dos navios surtos no porto, para carregar o escalér, mas a insufficiencia do pessoal maritimo acabou por determinar a creação dos pseudos marinheiros, cujo numero cresceu desmesuradamente, desvirtuando os primitivos intuitos d'aquelle annexamento, até apparecer-nos hoje n'essa onda carnavalesca e ridicula, que pullula sem ordem e sem respeito.

Dom Francisco de Souza, não contente com a feira e com a romaria, que representavam esforços seus, quiz ainda levar mais longe a sua dedicação, promovendo a edificação de uma ermida que correspondesse aos progressos alcançados pela festa.

Para executar esta sua idéa encontrou, á frente da irmandade da santa, um homem dedicado que trabalhou abnegadamente para realizar o projecto.

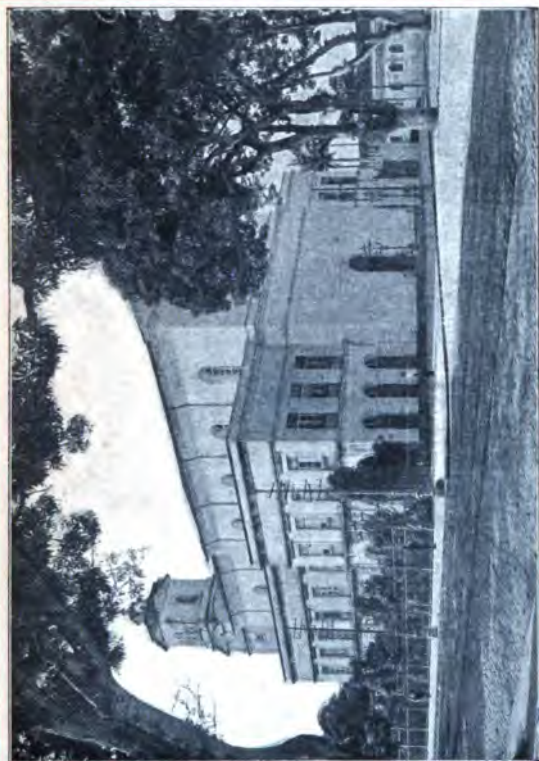
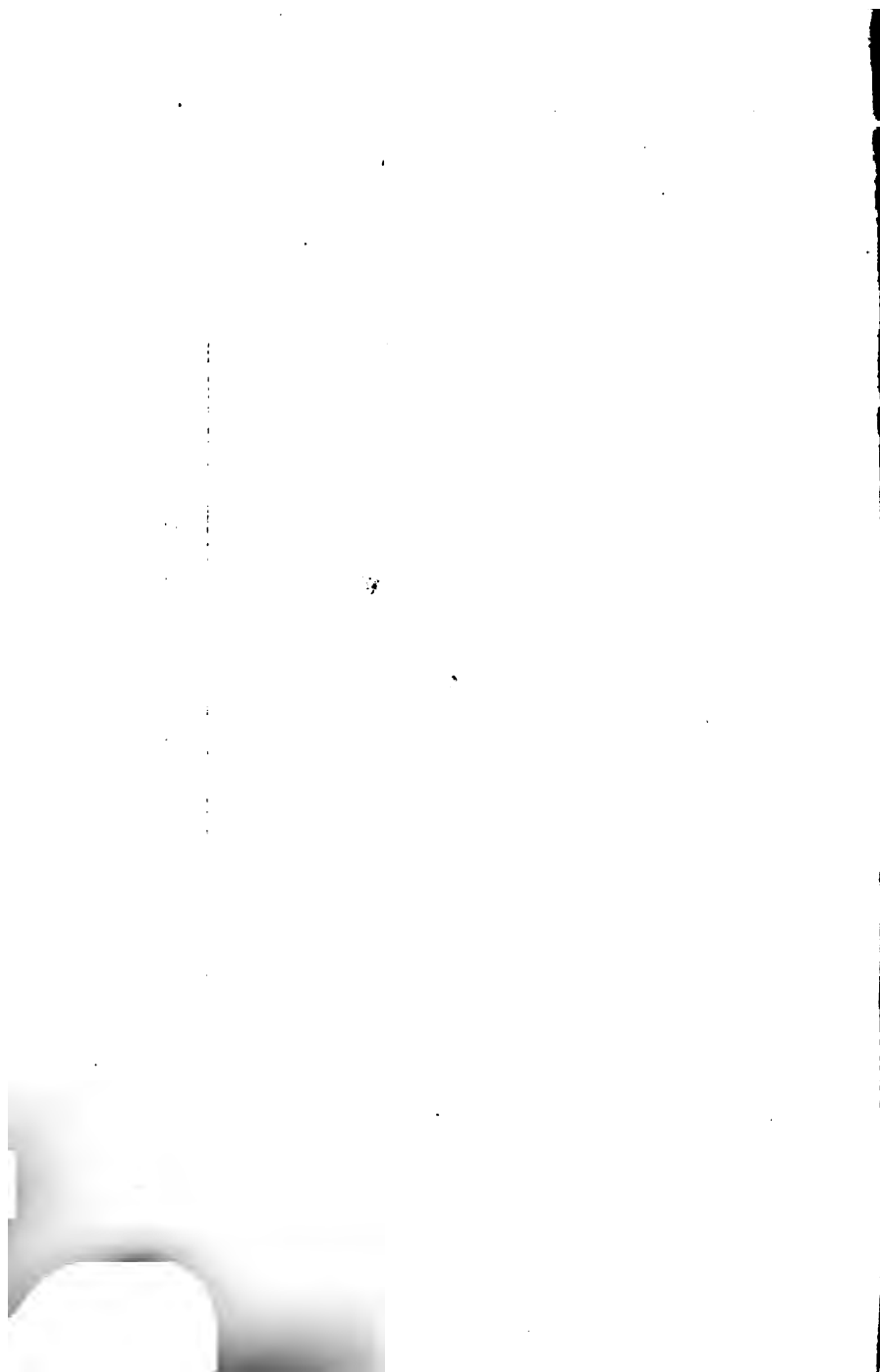
Esse homem foi o coronel Ambrosio Hen-

riques da Silva Pombo, que concorreu com avultadas sommas do seu proprio bolso para as obras.

Iniciada a construcção em 1799, era no anno seguinte inaugurada a ermida, pequena, construida de pedra e cal, com uma varanda coberta á frente, lembrando saudosamente as egrejinhas campestres.

Eis como foi instituida a festa de Nazareth no Pará, em o anno de 1793, por um capitão de fragata da marinha portugueza, investido das altas attribuições de governador do Estado.

A primeira pedra da actual egreja data de 12 de setembro de 1852, vindo a ser definitivamente ultimada a construcção, com o levantamento da torre posterior, em 1881, isto é, 29 annos depois.

O templo mal construido e sem architectura, foi feito a expensas dos cofres publicos e declarado, em portaria de 16 de março de 1878, proprio provincial.

Igreja de N. S. de Nazareth

NOTAS ESPARSAS

O primeiro cirio realizou-se em 8 de setembro de 1793. Ha, portanto, cento e doze annos que se repete a festividade de Nazareth.

*

A festa do arraial foi primitivamente uma feira, uma grande feira annual, onde se encontravam todos os generos de producção do Pará e do Amazonas. Durava a exposição quinze dias e era activissimo o commercio das nossas especiarias.

Posteriormente e pouco a pouco, a feira transformou-se em ponto de jogo, de dissipação e de divertimentos. Os governadores e capitães-generaes deixaram relaxar o transporte dos generos e dos romeiros, e tudo decahiu consequentemente.

*

Quando o governador dom Francisco de Souza Coutinho, o instituidor da festa e do cirio, ordenou em 1793, aos directores das villas indigenas, que providenciassem de modo a ser facultado a oito ou dez individuos, de um e outro sexo, nas povoações grandes, e a quatro ou seis, nas povoações pequenas, o embarque para a capital, afim de virem á feira de Nazareth, recommendou-lhes que só permittissem a vinda das indias *solteiras,* em companhia de seus paes, e das casadas em companhia dos maridos.

Esta cautelosa medida procurava afastar da festa aquillo que mais tarde a invadiu, e é hoje um dos seus caracteristicos.

*

Ao primeiro cirio acompanharam 1.932 soldados, o que nos mostra a desproporção

para maior, da guarnição da cidade, em confronto com a actual.

*

A primeira ermida de Nossa Senhora de Nazareth, muito pequena e construida de taipa, foi levantada em 1774, com esmolas dos devotos, por esforços de Antonio Agostinho, homem de côr parda, então possuidor da santa.

Data tambem d'esse anno a abertura do largo de Nazareth, com frente para a estrada do Utinga, nome dado a uma tortuosa vereda que conduzia do largo da Campina, hoje da Polvora, ao engenho de Theodureto Soares, na margem direita do igarapé Murutucú.

A segunda ermida de Nazareth, cuja architectura revelava saudosamente as egrejinhas campestres, deveu a sua construcção ao governador dom Francisco de Souza Coutinho, que a fez erguer em 1802.

A primeira pedra da egreja actual foi lançada em 1852, ás cinco horas da tarde, de 12

de setembro, sendo presidente da provincia o dr. José Joaquim da Cunha, e bispo dom José Affonso de Moraes Torres, que se achava ausente e substituido pelo vigario geral Raymundo Severino de Mattos.

*

As duas primeiras ermidas de Nazareth pertenceram á irmandade da santa, e a egreja actual entrou para os proprios provinciaes pela portaria de 16 de março de 1878.

Desde 1852 a 1878, os côfres provinciaes concorreram com 251:807$618 para a construcção da nova egreja.

*

O primeiro compromisso legal da irmandade de Nossa Senhora de Nazareth, tem a data de 2 de junho de 1842, e acha-se approvado pela lei provincial n.º 103, d'esta data.

Até ahi vivera a irmandade sem reconhecimento legal.

*

É ignorada a procedencia da imagem de Nossa Senhora de Nazareth.

Ha uma lenda que não a explica, pois a faz encontrada por um caçador, entre pedras brutas, no meio de matto cerrado.

Como foi ella ahi parar não o diz a lenda.

Sabe-se que ella pertenceu a um homem pardo, de nome Placido, que, por sua morte a deixou a outro mestiço, chamado Antonio Agostinho, cabendo a este as honras da propaganda em favor da construcção da primeira ermida.

*

A palavra *cirio,* que significa procissão que leva um cirio acceso de uma para outra localidade, é impropriamente applicada ao prestito actual.

Nos manuscriptos coévos, encontra-se com mais frequencia a palavra romaria.

*

Deve-se ainda a dom Francisco de Souza Coutinho o preparo de uma capella no palacio do governo, para receber a santa na vespera do cirio.

Primitivamente não se fazia o recirio; na vespera do dia designado para a romaria, o povo ia á ermida buscar a santa e a transportava para o palacio.

Depois instituiu-se o recirio, sendo a santa conduzida para a casa da devota que devia servir de juiza da festa nesse anno, e ahi ficava até á vespera do cirio, quando a trasladavam para a capella do governo.

Em 1840, teve a honra de hospedar a imagem D. Paschoa Maria Loureiro.

Mais tarde, depois de creado o Collegio do Amparo, passou a santa a ficar sob o zelo e devoção das educandas pobres.

*

Até 1854, o cirio realizou-se á tarde, o que deu motivo a serem os romeiros por varias vezes, fustigados pela chuva. Em 1853, quando o prestito desemboccava no largo da Polvora, desabou uma formidavel tempestade, tão implacavel que poz em celere debandada o povo todo.

O cirio estacou, abandonados carros e insignias, e não proseguiria, se o commandante das armas, que dirigia a força armada, não tomasse prompta medida, que transformou em prestito militar a romaria popular.

Apesar da impetuosidade do pampeiro, ordenou que alguns pelotões do primeiro batalhão da guarda nacional, substituissem os devotos, e deu a voz de marcha.

Este revéz intibiou o animo da directoria de 1854, que resolveu arcar com a responsabilidade da transferencia do cirio para as 6 horas da manhã.

Houve protestos, invocou-se a tradição, mas não se fez a cedencia. Desde então a romaria passou a ser feita pela manhã.

Compunham a directoria o juiz Manoel Antonio Pimenta Bueno, a juiza D. Theodolina Amalia de Freitas Bulhões, e os directores José do Ó de Almeida, dr. Antonio Gonçalves Nunes e João Gonçalves Lédo.

*

Apesar dos horrores do cholera-morbus, a festa de Nazareth realizou-se de 14 a 28 de outubro de 1855, com enthusiasmo e concorrencia relativamente importantes.

A epidemia, que vinha em declinio, tendo feito 44 mortes em agosto e 35 em setembro, elevou-se bruscamente com 118 obitos em outubro e 104 em novembro.

Não seria esta recrudescencia um resultado da agglomeração do povo e das comidas e bebidas nos mesmos vasilhames?

Terminada a festa de S. Braz, em novem-

bro, logo no mez seguinte a mortalidade desceu a 60, e em janeiro de 1856, a 38.

*

Marcos de Lima concitava os seus patricios a esquecerem os horrores da epidemia, saboreando os excellentes sorvetes que elle vendia no arraial. Em duas quadras preconisava o sorvete contra o calor e prevenia delicadamente que não vendia fiado:

«O calor da actualidade
É intenso, abrazador;
Vinde libar dos sorvetes
O deleitavel frescor.

«A elles! gente de gosto,
Trazei moeda sonante,
Que o sorvete sem dinheiro
Não tem graça, é nauseante!»

*

Nas noites de 18 a 26 de outubro de 1855, fizeram-se as novenas na ermida de Nazareth, a grande instrumental, cantando-se então tres jaculatorias que um paraense, cujo nome não se sabe, escreveu especialmente para tal fim. Diziam assim:

«De Nazareth
Virgem Flor,
Qu'ao mundo déstes
O Redemptor!

«Os nossos votos
No vosso altar
Eis-nos, humildes,
A tributar.

«Sejais, ó Virgem,
O nosso norte:
O nosso Amparo
Na vida e morte».

*

N'esse anno de tão tristes e dolorosas provações para os paraenses, o *clou* da festa foi um grande cosmorama, intitulado — *Galeria Optica,* — que a directoria fez montar na varandinha da ermida.

O pavilhão de Flóra, aquelle velho e enorme jaboty que havia no centro do largo, exhibiu danças de indios, de anões, chinezes, etc.

Tambem ahi houve um baile carnavalesco, ao qual se admittiram cavalheiros e damas mascarados!

Supremo ridiculo: glorificar uma santa com uma orgia publica!

Mas o povo divertia-se, e isto bastava. Elle bem precisava suavizar as chagas que o torturavam com cataplasmas de regabofe, de riso e exhibições,

Deu-se-lhe, por isso, mais um colossal fogo de artificio, que o extasiou com o Iris tricolor, o triangulo infernal, o vaso flammiphero,

o labyrintho circular, o ataque de uma fragata e dois vapores contra duas fortalezas, a estrella boreal, o grande granadeiro, o moinho illuminado, o florão chinez multicôr, *et caterva.*

*

Logo que a simplicidade das primeiras festas de Nazareth foi sendo invadida pelo luxo, pelas exhibições de custosos vestidos e joias, ergueram-se protestos de algnns bem intencionados, que debalde tentaram oppôr áquella evolução desvirtuadora, o obstaculo da critica em proveito da tradição.

Tarefa inutil e impraticavel: o povo não queria mais vender e comprar productos agricolas e industriaes; propendia para exhibir-se vestido bellamente, para gosar quanto de melhor houvesse. As espheras, as caixas cylindricas, os pannos verdes, attrahem como os bailes, bebidas, diversões e restaurantes, todos os espiritos.

No deserto clamaram os poucos articulis-

Praça Justo Chermont (Nazareth)

tas que se abalançaram a combater o desejo commum.

Em 1854, um d'elles bradava assim contra o luxo: «Vem aqui muito a proposito falar em uma coisa que, sendo de muita honestidade (sic) na cidade, parece-me, pelo menos, em tempo de tanto calor, muito encommodo n'uma Festa de Arraial.

«São as taes *eternas casacas e sobrecasacas de panno,* que eu creio que nem nos pólos se usam em similhantes festividades.

«Pois um bello paletot de sêda, ou de linho, ou de chita, será improprio, mesmo para entrar no templo, quando se faz por commodidade e não por despreso das coisas sérias e sagradas?

«Já assisti a Festas de Arraial no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco; geralmente, ou com poucas excepções, todos andavam mui ligeiramente vestidos.

No Theatrinho da Praia-Grande, no Rio, no anno de 1831, não se permittia a entrada de *Casaca alguma.*

Quiz entrar um que, parece, era um gran-

de figurão; mas o porteiro disse-lhe com muita graça: *Vá botar isso fóra, quando não cá não entra.*

Se esse propagandista désse agora um passeio ao arraial, estoirava.

*

Aproveitando a reconstrucção do templo, poder-se-ia adquirir uma lapide commemorativa, para ficar encravada em uma das paredes principaes, em recordação do passado.

A lapide será executada em marmore finissimo, com ornatos e decorações em bronze, e a fórma que entender o artista que a projectar. No alto e ao meio terá um baixo relevo em bronze, com a effigie da imagem venerada e a inscripção:

Nossa Senhora de Nazareth

Seculo XVIII.

Ligados por ornatos a este baixo relevo, haverá outros dois, em cima, nos angulos da placa, contendo o da esquerda a antiga ermida, e o da direita a egreja actual, antes das obras recem-feitas.

Em baixo e ao centro, um terceiro baixo relevo conterá o projecto da reconstrucção da egreja.

A lapide levará as seguintes inscripções:

Placido—Antonio Agostinho
Primeira ermida.

Dom Francisco de Souza Coutinho
Governador e capitão-general
do Grão-Pará e Rio Negro.
Cirio e feira de Nazareth.
8 de Setembro de 1793.

Ambrosio Henriques da Silva Pombo
Segunda ermida
1799—1800.

Egreja actual
1852—1881.

Na composição d'este projecto attendeu-se apenas ao que é positivamente historico e de maior importancia no assumpto, aos factos e vultos de incontestavel valor.

Começou-se pelos nomes dos obscuros possuidores da santa, que se apresentam mal se esbatem as sombras da lenda, para surgir o facto historico. Cita-se com elles a construcção da primitiva ermida, devida ao ultimo; passa-se ao instituidor da romaria e da festa, o despotico mas infatigavel Souza Coutinho, que, se nos deixou attestados evidentes do seu rancor, das suas paixões e da sua prepotencia, legou-nos egualmente certidões de bons serviços ao Pará.

Inscreve-se em seguida o nome do juiz da irmandade, o coronel Ambrosio Henriques da Silva Pombo que promoveu a construcção da segunda ermida, dando de seu bolso avultadas quantias para ella, fiscalizando as obras, recorrendo ao commercio.

Souza Coutinho foi o cerebro, Ambrosio Henriques o braço que executou a idéa.

Fecha a lapide a inscripção do levanta-

mento da actual egreja, o unico facto capital occorrido com relação á festa, no seculo XIX.

A execução d'este projecto, facil e pouco dispendioso, representará dentro do templo, uma commemoração perpetua do passado, e servirá para divulgar entre o povo o que nos lega a tradição escripta.